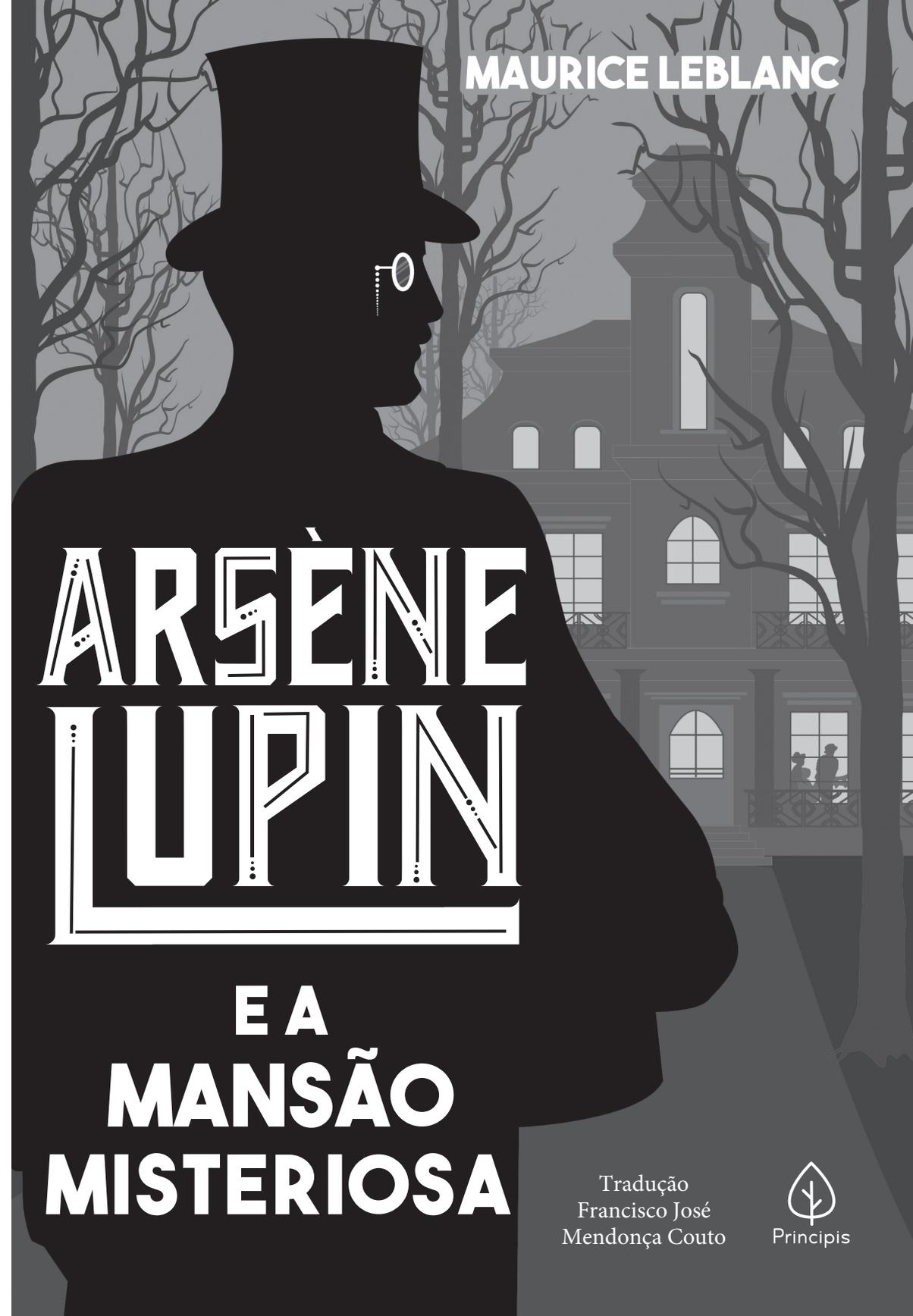


ARGÈNE  
LUPIN



MAURICE LEBLANC



ARSÈNE  
LUPIN

EA  
MANSÃO  
MISTERIOSA

Tradução  
Francisco José  
Mendonça Couto

  
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês  
*La Demeure mystérieuse*

Produção editorial  
Ciranda Cultural

Texto  
Maurice Leblanc

Diagramação  
Linea Editora

Tradução  
Francisco José Mendonça Couto

Design de capa  
Ciranda Cultural

Preparação  
Jéthero Cardoso

Imagens  
alex74/shutterstock.com;  
YurkaImmortal/shutterstock.com;  
Elena Iargina/shutterstock.com;  
Special View/shutterstock.com;  
funkyplayer/shutterstock.com;  
Save nature and wildlife/shutterstock.com

Revisão  
Cleusa S. Quadros

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M425a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e a mansão misteriosa / Maurice Leblanc ; traduzido por  
Francisco José Mendonça Couto. – Jandira, SP : Principis, 2021.  
192 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)

Tradução de: La Demeure mystérieuse  
ISBN: 978-65-5552-541-0

1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Couto, Francisco José Mendonça.  
II. Título. III. Série.

2021-2056

CDD 843

CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

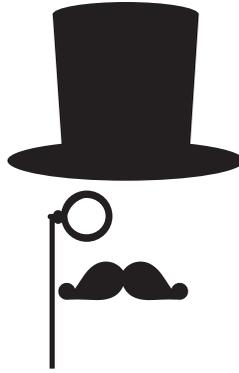
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

Trechos inéditos das memórias de Arsène Lupin .....	7
Régine, atriz.....	9
Arlette, modelo .....	21
D'Enneris, cavalheiro-detetive.....	33
Béchoux, policial .....	46
É esse o inimigo? .....	62
O segredo dos Mélamare.....	73
Fagerault, o salvador .....	85
Os Martin, incendiários.....	100
O noivado de Arlette.....	117
O soco .....	132
A Valnéry, moça graciosa .....	146
Arsène Lupin.....	162
Epílogo – Arlette e Jean .....	180





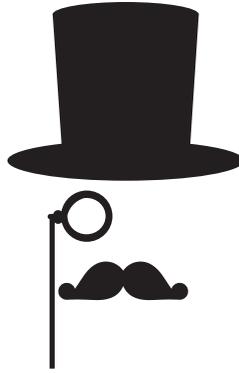
# TRECHOS INÉDITOS DAS MEMÓRIAS DE ARSÈNE LUPIN

Ao escrever os livros em que, tão fielmente quanto possível, conto algumas de minhas aventuras, dei-me conta de que, afinal, cada uma delas resultou de um ímpeto espontâneo que me lançou em busca de uma mulher. O Tosão de Ouro se transformou, mas era sempre o Tosão de Ouro que eu procurava conquistar. E como, por outro lado, as circunstâncias me obrigavam toda vez a mudar de nome e de personalidade, eu tinha, em cada ocasião, a impressão de que começava uma vida nova, antes da qual ainda não tinha amado, depois da qual não amaria.

Assim, quando volto os olhos para o passado, não é Arsène Lupin que avisto aos pés da condessa Cagliostro, ou de Sonia Krichnoff, ou de Dolorès Kesselbach, ou da garota de olhos verdes... é Raoul d'Andrésy, o duque de Charmerace, Paul Sernine ou o barão de Limésy. Todos me parecem diferentes de mim, e diferentes uns dos outros. Eles me divertem, me inquietam, me fazem sorrir, me atormentam, como se eu não tivesse vivido, eu mesmo, seus diversos amores.

## MAURICE LEBLANC

Em meio a todos esses aventureiros, que para mim se assemelham a irmãos desconhecidos, talvez eu tenha alguma preferência pelo visconde d'Enneris, cavalheiro-navegador e cavalheiro-detetive, que batalhou em torno da mansão misteriosa para conquistar o coração da emocionante Arlette, pequena modelo de Paris...



## RÉGINE, ATRIZ

A ideia, encantadora, tinha recebido a melhor acolhida nesta Paris generosa, que associa de boa vontade seus prazeres a manifestações beneficentes. Tratava-se de apresentar no palco do Théâtre de l'Opéra, entre dois balés, vinte belas mulheres, artistas ou da sociedade, vestidas pelos maiores estilistas. O voto dos espectadores designaria os três vestidos mais bonitos, e a receita dessa noite seria distribuída aos três ateliês que os tivessem confeccionado. Resultado: uma viagem de quinze dias pela Riviera para um certo número de costureirinhas.

Desde logo um movimento se iniciou. Em quarenta e oito horas a sala ficou lotada, até os menores lugares. E, na noite da apresentação, a multidão se apressava, elegante, ruidosa e cheia de uma curiosidade que crescia de minuto em minuto.

No fundo, as circunstâncias fizeram com que essa curiosidade se reunisse, por assim dizer, em um único ponto, e que todas as palavras trocadas tivessem por objeto uma mesma coisa, que fornecia às conversas um alimento inesgotável. Sabia-se que a admirável Régine Aubry, cantora esporádica de pequenos teatros, mas de grande beleza, devia aparecer com

um vestido de Valmenet, coberto por uma maravilhosa túnica ornada com os mais puros diamantes.

E o interesse por uma questão de interesse palpitante redobrou: a admirável Régine Aubry, que havia meses era perseguida pelo riquíssimo lapidador Van Houben, teria cedido à paixão deste, que era chamado de o Imperador do Diamante? Tudo parecia indicar que sim. Na véspera, em uma entrevista, a admirável Régine respondera:

“Amanhã estarei vestida de diamantes. Quatro ourives escolhidos por Van Houben estão em meu quarto tratando de prendê-los em um corpete e em uma túnica de prata. Valmenet está ali dirigindo o trabalho.”

Ora, Régine reinava em seu camarim no balcão, esperando sua vez de se apresentar, e a multidão desfilava diante dela como diante de um ídolo. Régine tinha na verdade direito ao epíteto de admirável que sempre acompanhara seu nome. Por um fenômeno singular, seu rosto aliava o que havia de nobre e de casto na beleza antiga a tudo aquilo que hoje achamos gracioso, sedutor e expressivo. Um casaco de pelica envolvia seus ombros famosos e ocultava a túnica miraculosa. Ela sorria, feliz e simpática. Sabia-se que diante das portas do corredor três detetives vigiavam, robustos e sérios, como policiais ingleses.

No interior do camarim, dois senhores estavam de pé: um era o gordo Van Houben, o galante lapidador, que lembrava, por seu penteado e pelo ruge colocado nas maçãs de seu rosto, uma pitoresca cabeça de fauno. Ignorava-se a origem exata de sua fortuna. Antigamente comerciante de peles falsas, retornou de uma longa viagem transformado em poderoso senhor dos diamantes, sem que fosse possível dizer como se teria operado essa metamorfose.

O outro companheiro de Régine estava na penumbra. Percebia-se que era jovem e de silhueta ao mesmo tempo magra e vigorosa. Era o famoso Jean d'Enneris, que três meses antes desembarcara do barco a motor com o qual tinha dado sozinho a volta ao mundo. Na semana anterior, Van Houben, que acabava de conhecê-lo, o havia apresentado a Régine.

O primeiro balé se desenrolou em meio a uma desatenção geral. Durante o intervalo, Régine, pronta para entrar, conversava no fundo de seu camarim. Mostrava-se mais cáustica e agressiva com Van Houben e, ao contrário, amável com d'Enneris, como uma mulher que procura agradar.

– Eh, eh, Régine! – disse-lhe Van Houben, que parecia agastado com a situação. – Vai virar a cabeça do navegador. Imagine que, após um ano vivendo sobre a água, um homem se inflame facilmente.

Van Houben sempre ria muito alto de suas brincadeiras mais vulgares.

– Meu caro – observou Régine –, se não fosse o primeiro a rir, eu nunca perceberia que estava tentando ser espirituoso.

Van Houben suspirou e, afetando um ar lúgubre, advertiu:

– D'Enneris, um conselho: não perca a cabeça por essa mulher. Eu perdi a minha e estou infeliz como uma pilha de pedras... de pedras preciosas – acrescentou, com uma pesada pirueta.

No palco, o desfile de vestidos começava. Cada uma das concorrentes permanecia cerca de dois minutos, sentava-se, andava como as modelos nos salões de alta-costura.

Aproximando-se sua vez, Régine se ergueu.

– Estou um pouco nervosa – disse ela. – Se eu não conseguir o primeiro prêmio, dou um tiro na cabeça. Senhor d'Enneris, em quem vai votar?

– Na mais bela – respondeu ele, inclinando-se.

– Estamos falando do vestido...

– O vestido para mim é indiferente. É a beleza do rosto e o encanto do corpo que importam.

– Está bem – disse Régine –, a beleza e o encanto, admire isso então na jovem que estão aplaudindo neste momento. É uma modelo da Maison Chernitz, da qual os jornais falaram, que desenhou ela mesma seu traje e confiou a execução dele a suas colegas. É encantadora essa menina.

A jovem, com efeito, magra, suave, harmoniosa nos gestos e atitudes, dava a impressão de ser a própria graça, e em seu corpo bem torneado o vestido, apesar de muito simples, de linhas infinitamente puras, revelava um gosto perfeito e uma imaginação original.

– Arlette Mazolle, não é? – perguntou Jean d’Enneris, consultando o programa.

– Sim – disse Régine.

E acrescentou, sem azedume nem inveja:

– Se eu fosse membro do júri, não hesitaria em colocar Arlette Mazolle em primeiro lugar nesse concurso.

Van Houben ficou indignado.

– E sua túnica, Régine? O que vale a roupa dessa modelo ao lado de sua túnica?

– O preço não vem ao caso...

– O preço conta acima de tudo, Régine. E é por isso que lhe peço atenção.

– A quê?

– Aos assaltantes. Lembre-se de que sua túnica não é tecida com carcos de pêssego.

Ela desatou a rir. Mas Jean d’Enneris aprovou.

– Van Houben tem razão, e nós deveríamos acompanhá-la.

– Nunca na vida – protestou Régine. – Faço questão que me digam o efeito que produzo aqui, e se não pareço muito desajeitada no palco do teatro.

– E depois – disse Van Houben –, Béchoux, o delegado da Sûreté<sup>1</sup>, responde por tudo.

– Então, conhece Béchoux? – disse d’Enneris com um ar interessado...

– Béchoux, o policial que se tornou célebre por sua colaboração com o misterioso Jim Barnett, da Agência Barnett e Associados?...

– Ah! Não se deve de falar dele com Béchoux, não fale desse maldito Barnett. Isso o deixa doente. Parece que Barnett fez dele gato e sapato!

– Sim, ouvi falar disso... A história do homem de dentes de ouro? E das doze *Africanas* de Béchoux? Então foi Béchoux quem se encarregou da proteção dos diamantes?

– Sim, ele saiu de viagem por uns dez dias. Mas contratou a preço de ouro três antigos policiais, os grandalhões que vigiam a porta.

---

<sup>1</sup> Sûreté, em muitos países ou regiões falantes do francês, é uma organização civil policial, particularmente ligada a detetives. (N.T.)

D'Enneris observou:

– Poderia contratar um regimento que não seria suficiente para enganar certos espertalhões...

Régine se levantou e, ladeada por seus detetives, saiu da sala e passou para os bastidores. Como ela desfilaria em décimo primeiro lugar e havia um ligeiro intervalo após a décima concorrente, uma espera quase solene precedeu sua entrada. Fez-se silêncio. Todos estavam na expectativa. E, subitamente, uma formidável aclamação: Régine se aproximava.

Há nas reuniões da beleza perfeita e da suprema elegância um prestígio que comove as multidões. Entre a admirável Régine Aubry e o luxo refinado de seu traje havia uma harmonia que impressionava sem que se soubesse por quê. Porém sobretudo o brilho das joias prendia os olhares. Por cima da saia, uma túnica de lamê de prata colava-se ao corpo com um cinto de pedrarias, e o peito era envolvido por um corpete que parecia feito unicamente de diamantes. Eles ofuscavam. Seu brilho se entrecruzava até formar em torno do busto como que uma trama leve, multicolorida e tremulante.

– Caramba! – disse Van Houben. – São ainda mais bonitas do que eu imaginava, essas santas pedras! E como ela sabe ostentá-las, a espertinha!

Modulou uma risadinha.

– D'Enneris, vou lhe confiar um segredo. Sabe por que enfeitei Régine com essas pedras? Bem, primeiro para presentear-lá no dia em que ela me concedesse sua mão... sua mão esquerda, é claro (e caiu na risada), e depois porque isso me permite recompensá-la com uma guarda de honra que me informe um pouco sobre os fatos e gestos. Não é que eu receie os apaixonados... mas sou daqueles que abrem o olho... e o bom!

Deu um tapinha no ombro de seu companheiro como se dissesse: “E você, meu rapaz, não venha competir”. D'Enneris o acalmou.

– De minha parte, Van Houben, pode ficar tranquilo. Nunca faço a corte a mulheres ou amigas de meus amigos.

Van Houben fez uma careta. Jean d'Enneris havia lhe falado, como habitualmente, com um ligeiro tom de ironia que podia adquirir naquela

circunstância um significado bastante injurioso. Resolveu ir mais a fundo na questão e se inclinou para d'Enneris.

– Resta saber se me conta como um de seus amigos?

D'Enneris, por sua vez, segurou seu braço.

– Cale-se...

– Hein? O quê? Está agindo de uma maneira...

– Cale-se.

– O que está acontecendo?

– Alguma coisa de anormal.

– Onde?

– Nos bastidores.

– A propósito de quê?

– A propósito de seus diamantes.

Van Houben pulou do seu lugar.

– E então?

– Escute.

Van Houben prestou atenção.

– Não estou ouvindo nada.

– Talvez eu esteja enganado – admitiu d'Enneris. No entanto, parecia...

Não terminou. Os primeiros lugares da orquestra e os primeiros lugares dos camarins do palco se agitavam, e via-se que estava acontecendo, nos fundos dos bastidores, alguma coisa que havia chamado a atenção de d'Enneris. As pessoas tinham se levantado, mostrando-se amedrontadas. Dois homens de farda correram pelo palco. E subitamente se ouviram clamores. Um contrarregista aflito gritou:

– Fogo! Fogo!

Um clarão surgiu à direita. Subiu um pouco de fumaça. De um lado a outro do palco, todos os assistentes de palco e figurantes corriam na mesma direção. Entre eles pulou um homem que também se aproximava da direita, segurando na ponta dos braços estendidos um casaco de lã que escondia seu rosto e vociferando como os contrarregistas:

– Fogo! Fogo!

Régine logo quis sair, mas suas forças a haviam traído e ela estava caída de joelhos, desmaiada. O homem a envolveu no casaco, lançou-a sobre seus ombros e a salvou, por entre a multidão de fugitivos.

Antes mesmo que ele tivesse agido, talvez antes mesmo que tivesse aparecido, Jean d’Enneris havia se erguido na beira de seu camarim e gritava, dominando o rumor da multidão do térreo, que o pânico já agitava:

– Ninguém se mexa! É uma armadilha!

E, apontando para o homem que levava Régine, gritou:

– Peguem-no! Peguem-no!

Era muito tarde, porém, e o incidente passou despercebido. Nas poltronas, as pessoas se acalmavam. Mas, no palco, a debandada continuava, em um tumulto tal que ninguém podia ouvir ninguém. D’Enneris pulou, alcançou a sala e a orquestra e, sem esforço, escalou o palco. Seguiu o tropel aflito e chegou até a saída dos artistas, que dava para o boulevard Haussmann. Mas onde procurar? A quem se dirigir para encontrar Régine Aubry?

Avistou o gordo Van Houben, esfalfado, com o ruge das maçãs do rosto, diluído pelo suor, escorrendo pelas faces, e lhe disse:

– Escamoteada! Graças aos seus santos diamantes... O indivíduo deve tê-la jogado dentro de algum automóvel rápido demais para recebê-la.

Van Houben tirou um revólver do bolso. D’Enneris torceu-lhe o punho.

– Não vá se matar, hein?

– Opa, não! – disse o outro –, mas matá-lo.

– Quem?

– O ladrão. Vamos encontrá-lo! É preciso encontrá-lo. Moverei céus e terra!

Estava com falta de ar e girava sobre si mesmo como um pião, em meio às pessoas que riam.

– Meus diamantes! Não vou deixá-lo me fazer isso! Não tem o direito...! O Estado é responsável...

D’Enneris não havia se enganado. O indivíduo, tendo sobre os ombros Régine desmaiada e coberta por um casaco de lã, tinha atravessado